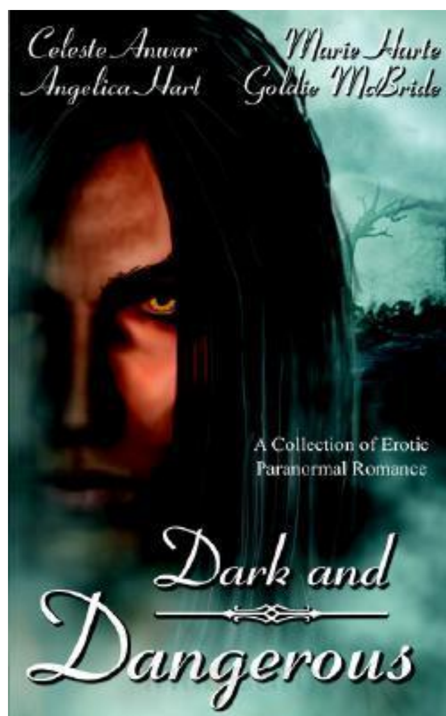
Celeste Anwar

Beleza Extasiada

Dark And Dangerous 01

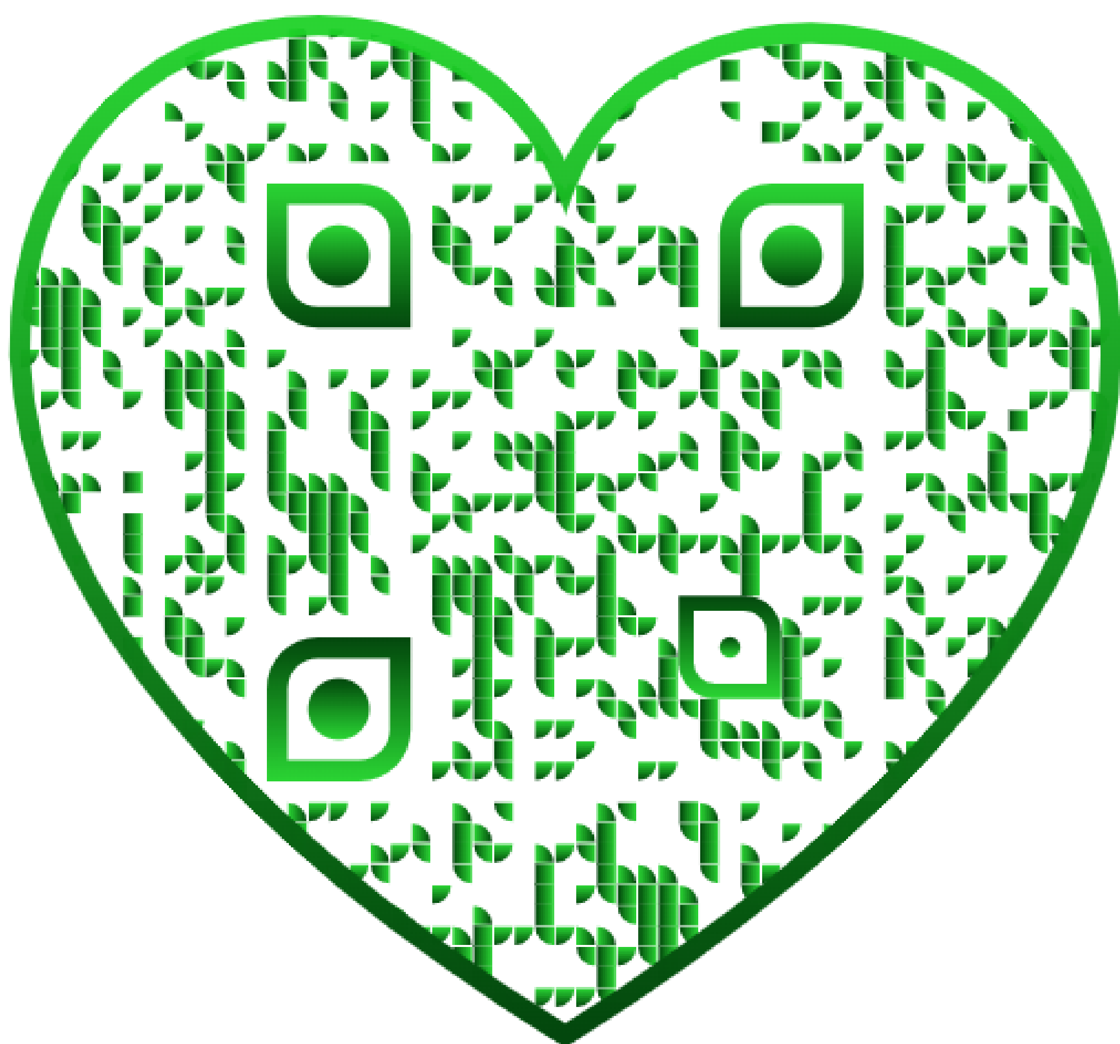


Disponibilização /Tradução: YGMR
Revisão do Inglês: Anny
Revisão Final: Danielle Aguiar
Formatação: Gisa
Projeto Revisoras Traduções

Cher Roman está planejando aproveitar seu fim de semana em um exclusivo resort, só para convidados em uma ilha, cortesia de sua amiga Sheri que não pôde usar o convite. Ela fica surpresa e ofendida quando o dono do resort, Nigel Francoeur, diz a ela que, por não ter sido convidada, ela deve ficar em seu quarto todo o fim de semana e partir na primeira balsa da segunda-feira de manhã. O que ela não sabia é que tinha tropeçado em uma caça por parceiras de lobisomens --e hoje à noite é lua cheia.

Nota da Revisora Anny: O livro tem uma boa história, bom para quem gosta de tramas com lobisomens e bastante sexo. Muita arrogância e atuação do mocinho, muita trapalhada e rendição da mocinha. A história ficou prejudicada por ser curta demais e ter um final abrupto.

Esta história pequena é divertida e bem escrita, com várias cenas quentes de lobisomens. Os personagens são interessantes e ganham vida quando a história se desenvolve. Eu realmente gostei, e fiquei bastante desapontada pelo seu brusco final. Eu teria gostado que a história fosse desenvolvida em um formato mais longo. (fallenangelreviews.com)



Capítulo Um

Havia mais belos corpos masculinos no gramado da propriedade do que você poderia ver em um mês de sextas-feiras em qualquer clube de Atlanta. Cherry Roman tinha palpitações só de olhar para aqueles corpos brilhando com os últimos raios de sol em uma praia de areia branca. Sheri lamentaria quando descobrisse o que havia perdido.

O horizonte estava belamente listrado em cores ostentosas de todos os tons. O sol poente descia sobre o mar dourado como uma bola de fogo, nuvens ondulavam para fora de sua dominação, do centro do céu, em ousadas listras de escarlate. Uma brisa levava o aroma de sal e areia molhada através de sua úmida pele, oferecendo algum alívio do úmido calor, quase inflexível de um verão sulista. Embora estivesse mais próxima ao Equador aqui do que em seu apartamento, em North Georgia, o ar vindo da água fazia a temperatura parecer mais agradável do que realmente era.

Sua pele coçava ligeiramente devido ao sal do mar e a transpiração seca, fazendo-a ansiar um banho. Podia esquecer seu desconforto, entretanto, observando o cenário que desenvolvia-se à sua frente.

Ela colocou a mochila com as suas coisas no ombro, deixando a doca e a balsa para trás enquanto passeava pelo caminho em direção ao hotel, que parecia mais uma casa de praia particular enorme do que uma propriedade comercial. Não haveria outra balsa até segunda-feira,não tinha como voltar agora, não que ela particularmente quisesse. Pensou que talvez Sheri tivesse razão em recusar o convite, para Cherry um fim de semana neste isolamento certamente colocaria o horrível acontecimento de sua vida em perspectiva. Ou, pelo menos, teria um monte de colírios para distrair-se de seus problemas. Não tinha que se preocupar com o trabalho. Foi dispensada por tempo indefinido devido às graves quedas nas vendas, mas pelo menos tinha o desligamento necessário para tirar aquelas pequenas férias.

Cherry tentou não pensar em como era idiota gastar com isso. Deu de ombros para estes pensamentos incômodos, determinada a divertir-se enquanto podia.

Perdeu de vista a deslumbrante praia e os homens seminus quando subiu a encosta que levava ao hotel. As árvores inclinavam-se e serpenteavam o caminho como cansadas, nobres sentinelas, entortadas pela forte carícia do vento do oceano. Cruzando a travessa, ela podia ver uma floresta de pinheiros que se estendia além da encosta, e podia perceber as extremidades de um pátio de concreto e de uma piscina localizados na parte posterior, próximo ao edifício. Lá, um bufê de formas inegavelmente masculinas passeavam, também, banhados pelos últimos raios de sol. Ela franziu o cenho e acelerou o passo, chegando à entrada do hotel, ávida para registrar-se e começar a relaxar.

Uma grande tela na varanda, adornada com almofadas e cadeiras de ferro batido ficavam de frente para o oceano. As samambaias que ascendiam os degraus, dentro de

jarros, farfalhavam na brisa inconstante, tocando sua perna quando ela passava muito perto. Um balanço suspenso de varanda rangia e movia lentamente suas correntes, como se recentemente desocupado, mas ela não viu ninguém apreciando a perfeita paisagem do topo.

Por incrível que pareça, não havia visto nenhuma mulher na ilha. Por outro lado, não topou com nenhum dos hóspedes, só de longe. Claro, ela e Sheri presumiram que aquele convite era para uma daquelas festas onde eles tentavam lhe vender condomínios caros, então podia ser que as mulheres estivessem fora conhecendo os lugares enquanto os homens relaxavam. Quem sabe?

Portas largas de vidro marcavam a entrada, Cherry abriu-as e entrou a passos largos no saguão. A enorme área aberta estava cheia de corais e esponjas do mar bordados nas cadeiras e sofás arrumados em pequenos grupos para conversas particulares. Lâmpadas fracas iluminavam o ambiente, dando um agradável brilho de boas-vindas. Ao longo de uma parede havia uma bancada de mármore-superior e um lugar para bagagens, mas ela não viu nenhum empregado ou porteiro.

Perplexa pela ausência de pessoal no hotel, Cherry continuou a entrar de qualquer modo. Não deu mais que uns poucos passos em direção à bancada vazia quando uma suave e acusadora voz falou atrás dela:

- O que você está fazendo? Você não pertence a este lugar.

O barítono profundo e acentuado deslizou um frisson de alarme pela sua espinha, enervando-a. Cherry girou lentamente, tentando aparentar como se de fato pertencesse ao lugar. Talvez só fossem permitidos homens por aqui e eles tinham achado que Sheri fosse um homem de alguma maneira?

Seu coração compreendeu quando seu olhar caiu no dono da voz. Ele estava parado no pé da escada, apoiado no balaústre. Ela tinha lido clichês em livros sua vida inteira sobre encontrar o homem dos seus sonhos, o epítome de como um homem devia parecer-se e mover-se—e eles eram tão verdadeiros, até a menor reação. Mal podia respirar, mal compreendia qualquer coisa ao seu redor—todo seu foco era dirigido ao estranho. Até sua acusação se perdeu enquanto a mente dela girava, absorvendo toda sua forma.

Ele parecia acabar de chegar da praia, e ela acreditava que podia até sentir o cheiro de água salgada no ar, mas com certeza era sua imaginação. Sua pele era de um azeitonado escuro, ricamente bronzeada e cativante em contraste com a gola aberta da camisa branca que usava. Parecia que ele nem havia se importado ao vesti-la, para só metade dos botões estarem fechados, e mesmo àquela distância, ela teve um vislumbre de um peitoral esculpido. Seu cabelo preto estava molhado, penteado com os dedos para trás afastado da testa, mas algumas mechas fortuitas escaparam e caíram sob as sobrancelhas em uma desordem libertina.

Ele enviou um olhar penetrante com os olhos estreitos através do saguão. Quando ela não respondeu ou moveu-se para partir ele atravessou o espaço que os separava e

parou bem à sua frente, invadindo seu espaço até que ela foi forçada a recuar um passo para encará-lo. De perto, ele parecia mais feroz do que ela imaginou possível, potente, como as grades de uma prisão que acabava de ser construída.

- Perdão? - Ela conseguiu falar, apesar de sua boca repentinamente seca. Oh, Deus. Olhos verdes, intensos, olhavam para ela sob sobrancelhas francamente furiosas. Seu olhar era do tipo que mandava as mulheres em uma de duas direções—ou diretamente para sua cama ou para suas próprias casas para se esconder embaixo das cobertas. Ela estava arruinada. Por um lado, seu coração galopante comandava seus pés para fazer o mesmo e fugir antes de ser devorada. Por outro, no momento em que a palavra ‘devorada ' passou por sua mente, sua vagina começou a fundir-se e seus joelhos viraram geléia.

Não estava certa de por que sua reação era tão extrema, mas sentiu que aquele homem era perigoso, de maneiras que não podia nem imaginar. Apesar dos adornos de civilização ele parecia… selvagem, seu comportamento inerentemente indomado.

Ele cruzou os braços acima do peito, fazendo sua camisa abrir mais. O movimento atraiu seu olhar como a agulha em um compasso. Sua barriga apertou-se quando ela olhou fixamente para seus músculos peitorais, esculpidos à perfeição, cobertos com uma pequena quantidade de pêlo.

- Por que você está aqui?

- Eu recebi um convite...

- Não, você não recebeu. – disse ele impacientemente, interrompendo-a.

- Recebi. Como você ia saber que eu não recebi? Eu o tenho bem aqui. – disse ela, cavando dentro de sua bolsa.

- Porque eu sou o anfitrião, Nigel Francoeur.

Cherry parou sua procura e olhou para ele, sentindo o rosto avermelhar debaixo de seu olhar examinador. Ela teria preferido ter os dentes arrancados a ter que admitir que houvesse se metido em uma festa tão exclusiva, mas não havia esperança. Naquela situação, ela daria uma de “mocinha indefesa”.

- Sinto muito. Eu admito, não fui inicialmente convidada, minha amiga foi. Estendeu a mão, que ele ignorou. - Eu sou Cherry, Cherry Roman. De qualquer maneira, - adicionou, deixando a mão cair de novo, - ela não podia vir, então passou o convite para mim. Não há mal nisto, há? E, eu estou aqui agora.

Ele ficou mudo um longo momento. Um músculo em sua mandíbula contraiu-se.

- Você tem que partir. Agora.

O homem não tinha um osso simpático no corpo. Ela tinha gastado muito de sua rescisão contratual viajando para aquele lugar. Agora teria que voltar sem sequer algumas memórias agradáveis para confortá-la.

De repente, tudo que aconteceu assaltou-a como uma muralha de dominós que ela cuidadosamente tinha empilhado até o teto. Fez o melhor para olhar para o lado positivo, manter o queixo erguido, manter distância da tentação, só para cair ao chão, quebrar o

salto e sujar-se em sua dor. Esta viagem seria a solução, contudo. Iria curar seus males. Ela passaria uns bons momentos e relaxaria e então iria compreender o que fazer quando tivesse um momento de descanso na batalha que havia perdido.

A não ser pelo motivo de que agora não teria mais férias. Agora, ela teria que encarar o fato de que tinha desperdiçado dinheiro que não podia dispor em umas férias que não iria mais ter. Levou um esforço de força de vontade supremo, ignorar as picadas das lágrimas em seus olhos e nariz.

- Eu não posso. - disse, o queixo tremendo. Ela tragou, forçando-se a se acalmar. - A última balsa partiu. Eu … eu mal a deixei quando se foi.

Ele fechou os olhos como se procurando por paciência. Quando os abriu novamente, olhou fixamente acima dela para o sol se pondo. Seu rosto contraía-se. Ele deu-lhe um olhar rude.

- É melhor assim. Venha, eu mostrarei o seu quarto.

- Sério? Ela sentiu-se imediatamente melhor, embora ele não parecesse muito feliz com o fato de que ela não pudesse partir.

Ele deu uma olhada em direção às portas de vidro novamente.

– Está escurecendo. Está muito tarde. Você não pode ir embora esta noite, mesmo.

Ele pôs a mão atrás de sua cintura, passeando por seu quadril, durante toda a subida das escadas e pelo corredor até o quarto. Se fosse um bastão elétrico de tocar gado, não teria sido tão eletrizante. Pareceu queimar suas roupas, atravessar sua carne e dividi-la exteriormente para cravar-se em suas zonas erógenas com sua eletricidade. Ela não soube se era isso o que fazia sua respiração tão difícil, ou o fato dela percorrer toda a distância tentando escapar daquela mão.

O quarto era bonito, muito mais elegante que qualquer coisa que ela já havia experimentado na vida. Parecia o tipo de quarto que só pessoas podres de ricas podiam se permitir, da mobília elegante ao carpete, tão espesso que ela sentiu como se estivesse caminhando pela água, até a cama *king size* cheia de travesseiros.

Tão caóticas quanto suas emoções estavam, depois do que já tinha passado, ela ainda estava aterrorizada o suficiente de que aquilo penetrasse em sua montanha-russa emocional, deixando-a surda, muda e cega.

- Você ficará aqui. Está entendido?

Cher deu a volta e abriu a boca.

– Este é meu quarto?

Ele franziu o cenho. Após um momento de hesitação, largou a porta e andou em sua direção. Cher piscou, surpresa demais, até para pensar em fugir do endurecimento decidido de seu rosto. Ele segurou seu maxilar, forçando-a a olhar para ele—todavia, por que razão, ela não tinha certeza. Ela olhou para cima instintivamente no momento em que ele ergueu-se sob ela de modo bastante ameaçador.

- Eu preciso que dê sua palavra que não fará nenhuma tentativa de deixar este quarto esta noite, chere.

Cher piscou os olhos, perguntando-se à toa se ele disse chere--como se fosse crioulo, ou descendente de franceses, o que provavelmente explicaria sua devastadora beleza morena--ou se ele de alguma maneira descobriu que a chamavam de Cher--talvez ela tivesse mencionado isto?

Ela deve ter balançado a cabeça. Ele pareceu satisfeito. Depois de um momento, a libertou e saiu a passos largos do quarto. Ela ainda estava olhando fixamente para o vibrar da porta quando ouviu um distintivo clicar de uma chave girando na fechadura.

Aquele minúsculo, pequeno som, atuou nas emoções tumultuosas de Cher como uma saudável dose de Metamucil em um encanamento entupido. Ela foi a uma total lucidez fria no mesmo instante.

Olhou a porta, sem acreditar. Ele a havia trancado! Aquele imundo, sorrateiro, nojento, filho de uma puta a havia trancado! Ele deixou-a pensar que poderia ficar depois de tudo e aproveitar suas férias, e então a havia escoltado para uma cela de prisão!

Ela não fazia idéia de como elegante uma cela de prisão era!

Andando arrogantemente até a porta, agarrou a maçaneta e girou-a um par de vezes. Estava trancada.

Ela começou a bater na porta.

- Deixe-me sair, seu filho da puta!

Imprensou a orelha na porta, mas não conseguia ouvir nada. Não era para menos, considerando o carpete daquele lugar!

- Ei! Você não pode fazer isto! Eu tinha total direito de usar aquele maldito convite!

Suspirando tempestuosamente, ela desistiu de bater na porta. Machucava suas mãos, e era óbvio que ele não tinha nenhuma intenção de voltar.

- Algumas fodidas férias. - ela murmurou, virando para inspecionar o quarto. Ia ficar presa aqui todo o final de semana, porque a maldita balsa não voltaria antes de segunda-feira!

Furiosa, procurou no quarto um telefone. Não foi surpresa alguma não encontrar um. Finalmente, ela soltou a mochila em cima da cama, arrastando tudo para fora e assim revelando seu celular.

– A-ha! - Falou discando 911.

Ela ouviu uma gravação dizendo que estava sem serviço.

- Merda! Ela apertou o telefone e então o arremessou para o outro lado do quarto. Ele bateu na parede com uma sonora pancada, mas não sofreu dano. Caminhando até ele, ela esmagou o objeto com o salto até que não fosse mais que fragmentos, então o deixou e foi sentar-se na cama de mau humor.

Seu estômago rosnou. Ela daria àquele magnífico gato idiota um pouco de sua opinião quando ele viesse trazer o jantar. Se ele viesse trazer o jantar. Ela percebeu depois

de uns minutos que estava cansada de estar aborrecida, e que estava entediada. Suspirando, decidiu olhar o banheiro. Este renderia uma distração por pelo menos dez ou quinze minutos.

Havia uma TV e um aparelho de DVD. Ela duvidou, considerando onde estavam que a TV pegasse alguma coisa. Como se ela não pudesse assistir malditos Dvds em casa!

O banheiro era realmente luxuoso. Apesar de sua determinação em sentir-se ofendida, ela sentiu seu humor melhorar um pouco quando viu que havia hidromassagem. Ajustando a água, deixou a banheira enchendo e voltou ao quarto para tirar a roupa que trouxe. Irritou-se, de novo, quando viu as sensuais lingeries, que levou—só para garantir, se ela encontrasse alguém interessante.

Como se fosse topar com alguém interessante trancada em seu quarto!

Uma sessão de vinte minutos na hidromassagem fez maravilhas ao seu humor. Quando ela finalmente engatinhou para fora, seus músculos estavam massageados--nenhuma tensão em seu corpo inteiro. Quando secou-se pegou as roupas de baixo.

Estas consistiam em um escasso fio-dental e um sutiã quase transparente.

Ela gostou de sentir-se depravada.

Infelizmente, no momento ela sentia-se mais esgotada do que uma *femme fatale*. Andando com dificuldade de volta ao quarto, ela esparramou-se na cama e fechou os olhos como uma lâmpada que se apaga.

Não estava certa do que a despertou. Num momento estava morta para o mundo, no outro estava consciente.

Bocejando, rolou e esticou-se, sorrindo um pouco pela decadente sensação do espesso cobertor de seda embaixo dela. Finalmente, relutantemente, abriu os olhos.

Nigel Francoeur estava de pé a sua frente, com uma bandeja delicada com um delicado sanduíche, obviamente esquecido, em sua mão.

A expressão em seu rosto enviou uma onda de choque e de calor através dela. Sua boca ficou seca. Seus mamilos ficaram duros.

O olhar dele moveu-se para eles como se ele pudesse ver a transformação.

Foi naquele preciso momento que Cher notou que ele podia vê-la. Ela estava vestindo apenas uma roupa íntima reveladora e nada mais.

Ela deu um pulo na cama, olhando ao redor atrás de suas roupas.

Como se seu movimento súbito tivesse finalmente quebrado o feitiço que o tinha capturado, ele colocou a bandeja com uma pancada na mesinha de cabeceira, girou em seus calcanhares e caminhou até a porta.

Cher encarou suas costas, boquiaberta.

- Espere! - Ela conseguiu sair quando ele empurrou a porta aberta e passou por ela.

Ele parou, olhou para trás, seu olhar aborrecido e perigoso.

Cher engoliu em seco. – Por que você me trancou?

Algo flamejava em seus olhos. Um sorriso predador insinuou-se em seus lábios.

- Para manter o lobo mau longe, Chere.

Capítulo Dois

Ele havia desaparecido, fechando a porta atrás dele antes de Cher recuperar-se suficientemente para pensar em algo a dizer. – Droga! - Ela disse, esmurrando o colchão furiosamente.

Tinha tantas verdades para dizer-lhe!

Ela girou-se e olhou com raiva para o sanduíche. Estava faminta. Por outro lado, odiava desperdiçar um bom apetite em um sanduíche frio quando sabia o quão boa e farta era a comida que os hóspedes estariam jantando … *escargot* ou algo assim.

Suspirando, pegou o sanduíche e perambulou para a janela, olhando a paisagem escurecida. Um feixe de luz filtrava-se pelo gramado vindo da parte de trás do edifício--onde havia visto a piscina. Vagamente, ouviu os sons de uma festa.

Após um momento, ela largou o sanduíche intocado e abriu a janela. Sem dúvida, podia ouvir música e vozes altas. O álcool devia estar fluindo livremente. Eles não podiam ter começado a festa há muito tempo e já soava, como se estivessem há séculos ali. A decepção inundou-a. Ela devia estar lá fora. Se alguém merecia umas férias era ela!

Suspirando, olhou para baixo no gramado especulando, imaginando se existia alguma forma de escapar de sua elegante prisão.

Foi quando viu as grades.

Um sorriso enroscou em seus lábios. A excitação começou a fluir em suas veias.

Abandonando o que estava olhando abruptamente, procurou em sua bolsa até que achou o vestido preto justo que ela trouxe para uma eventual festa. Seria elegante o bastante? Parecia uma roupa para ir à boate--que era a ocasião. E ela teria que descer a grade para chegar à festa. Não que descer com um vestido a preocupasse, porque não era como se houvesse alguém para vê-la. A festa ficava na parte de trás.

As rosas subindo pela grade poderiam apresentar um problema, no entanto, e ela realmente não queria seu vestido preto favorito arruinado. Relutantemente, ela deu de ombros e recolocando na mochila um par de jeans rasgados e um lenço de cabeça.

Lançando-se dentro do banheiro, fez uma maquiagem rápida, penteou o cabelo e examinou seu reflexo. Concluindo que parecia tão bem como poderia ser esperado em tão pouco tempo, deixou o banheiro, agarrou as sandálias e estudou-as criticamente. Usar sandálias? Andar descalça?

Não apreciava a idéia de descer uma grade coberta de rosas descalça. Ela não estava nem um pouco certa de que podia fazer isto calçada, porém. Finalmente, decidiu que apenas tinha que lutar com uns ramos de rosas se quisesse ir para a festa.

Nigel maldito Francoeur tão certo como inferno não estava planejando deixá-la ter qualquer diversão!

Movendo-se até a janela mais uma vez, ela lutou com a tela e finalmente conseguiu tirá-la. Infelizmente, ela escapou. – Merda! - exclamou, debruçando-se na janela para olhar a tela no chão lá embaixo.

Suspirando irritada, jogou as sandálias. Não sabia como iria conseguir subir a maldita tela de volta, mas decidiu, que se preocuparia com isso, mais tarde.

Erguendo uma perna em cima do peitoril, tateou ao redor com o dedão do pé até que encontrou um formato de V na grade. Lentamente, ela aliviou seu peso nela, atenta a um possível *crack* delator que significaria um desastre. Parecia estar agüentando, entretanto, e depois de um momento, ela firmou seu peso no peitoril da janela e passou sua outra perna, segurando aquele enquanto procurava outro apoio para o pé.

Seu coração estava na garganta àquela hora, ameaçando sufocá-la. Ela tragou com esforço.

– U-hu! - murmurou fracamente. – Fes-ta!

Suas pernas pareciam dois espaguetes cozidos. Ignorando a sensação, permitiu-se deslizar devagar pelo peitoril enquanto procurava por outro apoio embaixo do que estava. Levou quase quinze minutos para resolver soltar-se da janela. Finalmente, ela focalizou-se em seus dedos e desenrolou-os do peitoril e colocou uma mão na grade, e então a outra, fechando os olhos.

Quando a grade não articulou imediatamente um crack fatal e separou-se da parede, ela começou a concentrar-se em descer.

Ela sabia como um Chihuahua se sentia. Todo músculo em seu corpo parecia tremer, com uma tensão e um miserável terror.

Estava quase na metade da descida antes de deparar-se com a roseira.

Ela gemeu de dor, mas o barulho da festa havia crescido a tais proporções, que seriamente duvidava que alguém pudesse ouvir alguma coisa. Empurrando o ramo espinhoso para fora do caminho, ela conseguiu acertar sua descida em outros poucos pés antes de perceber que o arbusto era tão espesso que não havia nenhum modo de que ela pudesse passar por cima dele sem parecer que havia passado por um moedor de carne.

Girando a cabeça, olhou para baixo, para o chão, tentando julgar a que distância estava. Ainda parecia uma longa descida, mas ela achou que provavelmente não fosse tão alto. As roseiras não cresciam tão alto mesmo--ela acreditava.

Quase perdeu o equilíbrio e caiu quando olhou para cima para ver a que distância estava da janela. Aquilo a assustou tanto que tudo que ela pôde fazer foi agarrar-se à grade por vários minutos e tremer como um Chihuahua viciado em cocaína.

Finalmente, ela tomou várias respirações profundas e virou-se lentamente. Ela não ia pular de costas!

Ela não pôde girar completamente, tampouco.

Decidindo que quanto mais adiasse, provavelmente mais perderia sua coragem, ela fechou os olhos, contou até dez e saltou. Milagrosamente, caiu em pé. Infelizmente, o

impacto lançou dor aos seus pés como se tivesse caído em uma cama de pregos. Gemendo, ela chutou-os para cima, deu voltas segurando-os, e caiu sobre o traseiro--bem no meio da tela da janela.

- Merda!

Uma sombra projetou-se sobre ela.

Ela olhou para cima com culpa—e deu de cara com o rosto sério de Nigel Francoeur.

Nigel olhou furiosamente para a mulher, irritado por sua imprudência. Dirigindo-se adiante, ele agarrou-a debaixo dos braços, colocando-a de pé e empurrando-a contra a parede, beirando a espessa roseira.

- Ei! - Ela ofegou quando ele a colocou de pé. Ele a bloqueou com um braço quando ela tentou passar por ele. Ela girou na outra direção e ele levantou o outro braço, prendendo-a no lugar.

Ela afundou de volta contra a parede, olhando-o furiosamente, mas seus olhos alargaram-se quando ele inclinou-se para frente.

- Você nem pode começar a imaginar o quão distante de seus domínios você está aqui, pequena. Eu não tenho nem o tempo nem a paciência para jogar jogos com você, mas eu lhe direi uma coisa. Você se pôs em perigo ao me desobedecer.

Provavelmente era, de fato, a coisa mais estúpida que ela já fizera na vida, perto de ocupar o primeiro lugar—e a única vez em que ela seria estúpida o suficiente para fazer algo assim. Porém, de alguma maneira, a invasão de seu espaço pessoal e a ameaça em sua postura, sua voz, e suas palavras a fizeram reagir instintivamente à ameaça, e não racionalmente. Ela o esbofeteou.

Ficou horrorizada no momento em que o fez.

Ficou mais horrorizada quando viu o calor que inflamou os olhos dele.

Antes que pudesse fazer mais do que arfar em uma instintiva tragada de ar para gritar, ele envolveu a boca na sua em um assalto de tamanha fome selvagem que seu coração pareceu que iria bater até explodir contra sua costela. Ela emitiu um gemido de agonia antes que a língua dele invadisse sua boca e assaltasse seus sentidos com seu gosto, com a essência que ele tinha—primitiva, selvagem, feroz—e seu cérebro simplesmente esquentasse demais e pifasse. Ela sentiu como se caminhasse livre de forma imprudente em direção a um turbilhão de fogo carnal que a engolia em um abismo de escuridão.

Quando ele retirou-se, ofegava roucamente, seus olhos brilhando com uma necessidade crua, seu corpo estremecendo no esforço para mantê-lo sob controle.

Cher notou que estava tremendo de debilidade, tão tonta e desorientada que estava certa de que se não estivesse presa contra a parede teria desfalecido até o chão como uma boneca inflável esvaziada no momento que ele a liberou.

Antes que pudesse reunir seu bom senso, ele a pegou e lançou-a em cima do ombro. O choque dos seus ombros largos em sua barriga tirou seu ar, eficazmente despertando-a de seu torpor.

– Ei! Que diabos você pensa que está fazendo? - Ela protestou, tentando erguer-se.

Ao invés de responder, ele deu-lhe um ressonante tapa no traseiro.

Aquilo abalou-a com tal horror que ele tinha enganchado um pé na grade antes que ela percebesse sua intenção. O arfar, que começou com o ultraje, terminou em um grito de absoluto terror quando ele escalou a grade com impressionante agilidade e o chão desapareceu do campo de visão seus olhos arregalados.

Sua entrada pela janela foi muito mais assustadora do que sua saída. Para piorar, ele andava pelo peitoril da janela às suas costas.

Ela encarou-o cuidadosamente por vários minutos. Ele ainda parecia incrivelmente perigoso, e—sua mente fraca a traiu—sexy. Ou talvez fosse apenas porque ela ainda podia sentir sua boca? Saboreá-la?

Isto a deixou, quase tão nervosa, como o fato de que ele tinha dado-lhe um susto de morte.

- Você não pode me manter prisioneira neste maldito quarto! - Ela resmungou.

Seus olhos estreitaram-se. Seu rosto endureceu-se.

- Você não escutou nada que eu disse?

Ela olhou desafiadora de volta. - O que? Os comandos de “Fica! Senta! Quieto!” que você emitiu? Estou confundindo os sinais. - disse sarcasticamente.

Ele avançou um passo em direção a ela. Ela recuou sem nem pensar.

- Olha! Por que nós não fazemos uma trégua, hã? Quero dizer, eu posso entender que provavelmente não devia ter vindo, mas, honestamente, eu não entendo porque seria um problema--de qualquer maneira, eu estou aqui agora e eu não posso voltar até que a balsa chegue, então.… Parou quando, chocou-se com a porta. Não precisou olhar. A maçaneta da porta bateu bem no meio das suas costas.

Ela andou para um lado. Ele imitou-lhe o movimento, colocando uma palma na porta e bloqueando sua fuga. Antes que tentasse dar um passo na outra direção, seu calor a envolveu quando ele debruçou-se em sua direção, comprimindo-a.

Ela pressionou as costas na porta, mas não tinha aonde ir. Antes que ela soubesse completamente o que estava acontecendo, sentiu o peso do corpo dele contra o seu. Seu pênis parecia uma tora de madeira em brasa contra sua barriga—enorme e quente. Custou um esforço para respirar quando ele ondulou seu corpo no seu—empurrando os quadris para cima e para frente, de forma que aquele sólida e dura longitude magnífica golpeasse em seu monte de vênus, enviando-lhe faíscas de excitação por dentro—roçando seu peito no dela de maneira que seus mamilos tentassem perfurar seus firmes músculos. A paixão úmida imediatamente encheu seus grandes lábios, como se seu corpo pressentisse que ele entraria nela a qualquer momento.

Só o pensamento de envolver aquela espessura dentro dela fez seus músculos internos se contraírem de prazer.

Ele baixou a cabeça e ela pensou que provavelmente desmaiaria quando o calor de sua respiração soprou em seu rosto. Seu lábios formigaram como se ela já pudesse sentir a pressão de sua boca. Sua boca encheu-se de água quando ela lembrou a sensação, gosto e textura de sua língua. Ela tragou convulsivamente.

- Você está pedindo algo, chere, que talvez você não queira. - Ele murmurou roucamente, seu lábios quase tocando de leve os seus, seu tempestuoso olhar fazendo promessas que faziam sua vagina vibrar de antecipação.

Bruscamente, ele recuou. Ela olhou-o com surpresa e decepção.

Algo flamejava em seus olhos. Ele franziu o cenho, olhando para outro lugar. - Estarei colocando você na primeira balsa segunda-feira de manhã. - ele disse, sua voz soando áspera pelo desuso. - Até lá, fique onde está.

Cher pestanejou quando ele pescou uma chave fora de seu bolso. Saindo do caminho quando ele estendeu a mão para a fechadura, ela simplesmente fitou-o enquanto ele destrancou e passou pela abertura, fechando a porta e trancando-a uma vez mais.

Ainda olhava fixamente para a porta, confusa, quando o som de seus passos desapareceu. Ele a beijou em um esquecimento desatencioso, esfregou aquele corpo delicioso por toda parte dela até que estivesse derretendo, rolando em seu aroma como um gato na erva—e então simplesmente parou. - Ótimo, como quiser! Idiota! - disse irada.

Estava de volta ao quarto novamente! Uma prisioneira, de novo! Ela marchou pelo quarto furiosamente por vários minutos e finalmente se moveu para a janela de novo, perguntando-se se realmente ousaria fazer mais uma tentativa.

Ele pensava que a tinha assustado com toda aquela baboseira de machão chauvinista.

De fato, assustou-a. O pensamento de descer a grade e encontrar-se com ele novamente era, quase tão apavorante, quanto tentador.

A porta abriu enquanto ela estava olhando o gramado abaixo, executando um enredo mental de encontrar-se com ele, ser atirada ao chão e transar até perder os sentidos. Girou a cabeça. Seus olhos ampliaram-se como quem é pego em flagrante quando viu que era Nigel.

Tinha um martelo na mão e ela correu para longe da janela, pairando no canto, enquanto o observava cautelosamente adivinhando o que tinha em mente. Ignorando-a, ele andou até a janela, cavou um punhado de pregos do bolso e começou a pregar a janela fechada.

Ela abriu a boca sem acreditar.

- Você está pregando a janela! - Ofegou.

Ele enviou-lhe um olhar e terminou o que estava fazendo. Sem uma palavra, girou e saiu do quarto novamente.

Cher tremeu. Que diabos, estava acontecendo? Trancá-la? Pregar a janela? Aquilo foi tão além, que ela imaginou que ouviria uma grade de prisão fechar.

Franziu o cenho. Ok, bem, obviamente aquilo não era uma daquelas pequenas viagens para vender imóveis como esperava, mas não podia ser uma festa particular também, já que sua amiga tinha convite e não conhecia o sujeito.

Esteve quase a ponto de chamar o cara de doido varrido, mas, apesar das coisas que ele fez, não lhe parecia um doente mental. Algo estava acontecendo e ele achava que ela precisava de proteção. Ele era o anfitrião. Qualquer coisa que fosse ele certamente saberia.

Uma droga de graça para todo mundo? Eles iriam usar ecstasy e fazer uma orgia selvagem?

Porque aquilo, certo como o inferno, soava como uma festa comum para ela. Bem, um pouco mais animada que uma festa comum, ela supôs.

Ainda assim, ela não viu nenhuma coisa que pudesse sugerir que havia algo de sinistro naquele lugar. Parecia luxuoso demais para se passar umas férias, mas no fim, apenas um resort.

Nigel talvez conhecesse Sheri? Não a conhecia pessoalmente de fato, mas sabia dela através de amigos comuns? E ele ficou surpreso quando ela apareceu porque não a conhecia e pensou que ela poderia ser uma policial ou algo assim?

Aquilo na verdade deixou-a um pouco mais alerta do que gostaria. O modo como estavam festejando lá embaixo parecia um pouco excessivo para o velho e bom álcool induzir tal liberdade de inibição. Eles estavam uivando agora, pelo amor de Deus!

Com o cenho franzido, dirigiu-se para a janela novamente, imaginando se talvez a razão para que pudesse ouvi-los melhor fosse porque a festa teria se deslocado para o lado do prédio.

A lua cheia tinha se elevado acima das árvores quando alcançou a janela e espreitou para fora. A planície abaixo estava banhada em sua luz. Sem dúvida, a festa mudou de lugar e estava dentro da clara visão de sua janela agora, e ela pôde ver dúzias de homens a correr de um lado para outro.

Nigel mantinha-se no centro do grupo. Quase como se a sentisse observando, olhou para cima naquele momento e, apesar da distância, ela sentiu como se seu olhar tivesse se ligado ao dela por vários batimentos cardíacos.

De modo enervante, cerca de doze outros homens também olharam em sua direção.

Cher não estava precisamente certa do por que, mas naquele momento percebeu que atraiu o interesse de pelo menos uma dúzia de homens do grupo do gramado lá embaixo, o pêlo de sua nuca arrepiava-se sucessivamente.

Poderia ter o que temer pelo fato de que, depois deles olharem fixamente para ela por várias batidas frenéticas de coração dirigiram-se a Nigel, e suas linguagens corporais eram definitivamente hostis e desafiadoras.

Capítulo Três

- O que é isto? - exigiu Rocco, sua voz baixa e ameaçadora.

- Me parece que o nosso anfitrião tem uma fêmea escondida toda para ele. – rosnou Zeke.

Brandis rangeu os entes. - Você conhece as regras, Nigel. Não tem nenhum direito de esconder uma fêmea da matilha.

Nigel arrastou seu olhar do pálido rosto da mulher com esforço. A pequena tola, furiosamente pensou. Ele não podia protegê-la agora que eles a viram. O bando iria rasgá-lo em pedaços se ele tentasse e a levasse, de qualquer forma. Suas feras já estavam no comando. Eles não se importariam por ela não ser uma deles, por ela não fazer parte da caça. Ele forçou um sorriso cruel.

- *Mes Amis*[1]! Vocês me julgam mal. Nunca foi minha intenção retê-la, só queria apresentá-la na hora certa. Mas, já que vocês estão todos tão impacientes, irei buscá-la agora.

Ele andou rapidamente em direção à casa, ciente que deixara vários membros do grupo, sem dúvida, suspeitando dos seus motivos, separando-se dos demais e andando pelo perímetro da casa para vigiar as saídas. Vários o seguiram, também.

Ignorando-os, ele caminhou depressa pela casa e subiu a escada, pegando secretamente a chave de seu bolso enquanto andava. Tinha uma leve vantagem em relação a eles quando alcançou a porta do quarto, mas não muita.

Destrancando a porta, andou rápido pelo quarto. Ela estava olhando fixamente para ele, os olhos abertos de medo, como se tivesse percebido, finalmente, que estava em grave perigo. Ele pegou seus braços, inclinou-se perto e falou depressa e em voz baixa.

- Não faça nenhuma pergunta. Faça exatamente o que eu digo. Quando lhe disserem para correr você deve ir para o velho abrigo de tempestade e ficar lá. Pegue o caminho pela floresta em direção ao luar. Quando chegar à bifurcação do caminho você verá um carvalho de mais ou menos dois metros de diâmetro. Vire à sua direita, longe da bifurcação, e ande vinte passos. A porta fica no chão, coberta com folhas. Entre lá e tranque-se, e o que quer que aconteça, não destranque a porta. Entendido?

Cher balançou a cabeça tremendo. - O abrigo de tempestade na floresta.

Ele enviou-lhe um breve sorriso. - Boa menina.

Ele virou quando ouviu os dois homens que o haviam seguido entrar no quarto, segurando-a com força por um braço. - Como vêem.

Os dois homens a olharam inteira, quase … famintos. Cher estremeceu, dando uma olhada para Nigel.

---

[1] Expressão em francês que significa: "Meus amigos."

Sem nenhuma palavra ele a escoltou do quarto, desceram as escadas e saíram dentro da noite.

Um estranho silêncio caiu sobre o grupo reunido no pátio. Não era um tipo tranquilo de silêncio, no entanto, mas particularmente parecia tiritar de tensão, como se todo mundo de pé no gramado estivesse apenas esperando por um sinal para entrar em ação.

Para a surpresa de Cher, Nigel a escoltou ao centro do grupo, então a liberou e afastou-se. Nervosa, ela olhou em volta. Um círculo espaçoso estava claramente formado no centro do grupo. Dentro do círculo, juntamente com ela, estavam quatro outras mulheres. Além de sua área, uma dúzia de homens, comprimidos ombro a ombro, seus rostos tensos, seus olhos cintilando.

Cher engoliu em seco e olhou de relance para as mulheres, perguntando-se, se estavam tão enervadas quanto ela. Viu que elas estudavam-na quase tão atentamente quanto os homens, entretanto, seus rostos estavam cheios de suspeita e talvez até de um pouco de hostilidade.

Elas pareciam atletas, magras, saradas.

De repente sentiu-se como um *marshmallow*, frágil e mole em todos os lugares errados, embora não estivesse completamente certa do por que. Ela mantinha-se em forma. Tinha uma boa aparência, por maldição. Talvez não fosse, tão sarada quanto aquelas mulheres esnobes, mas não era nenhuma bolha, tampouco.

- A maioria de vocês que veio à reunião já veio antes e conhece as regras. Para aqueles que não conhecem, elas são simples: As fêmeas receberão uma vantagem de quinze minutos. O macho que capturá-la pode apenas reivindicá-la como companheira se ele for forte suficiente, e determinado suficiente para enfrentar qualquer um que desafiá-lo pela mulher. Uma vez que um macho marque sua fêmea, contudo, ela é sua pela lei dos Lycan e ninguém pode desafiá-lo para obter sua companheira.

Cher olhou-o diretamente. Seria preferível que ele tivesse falado *Suaíli*[2], por toda a falta de lógica que ela podia tirar de seu discurso. Ele não podia, seguramente, estar querendo dizer que ela, elas,deveriam tentar correr mais do que esse grupo de homens? Olhou ao redor para as outras mulheres e viu que elas pareciam tão atordoadas e horrorizadas quanto ela se sentia - obviamente elas desconheciam que também estavam no menu.

Correr mais rápido que eles para onde? Por quanto tempo? Eles estavam numa maldita ilha, pelo amor de Deus!

Ela jogou nervosamente uma olhada nos homens e viu que uma boa metade da dúzia começava a avançar devagar no círculo, e que eles quase pareciam estar farejando-a, como se estivessem tentando captar seu cheiro.

Exatamente, o que diabos era um *Lycan*, afinal?

---

[2] Língua falada em alguns países africanos.

- Voltem! - Nigel rugiu, fazendo-a pular e girar para encará-lo.

- Lobas. - ele rangeu os dentes, olhando diretamente para Cher. – Corram!

Cher congelou. Atordoada em como as quatro mulheres ao lado dela dispararam para longe, em direção à floresta, como se suas vidas dependessem de conseguir ficar tão longe, quanto pudessem, o mais rápido que podiam.

- Agora! - Nigel rosnou.

Cher saltou sobre um pé, girando em direção às árvores e caiu de barriga no chão sujo, tão forte que gemeu quando o ar deixou seus pulmões. O terror firmemente a detinha em seu aperto agora, contudo. Sem vacilação, pôs-se de pé e dirigiu-se às árvores. - Caminho, caminho, caminho. - ela murmurou procurando freneticamente quando alcançou o limite da floresta e começou a correr de volta e de um lado para outro, ao longo da extremidade das árvores, muito desatenta pelo terror para formar um pensamento coerente. - A lua - pensou de repente e olhou em volta.

Ela viu um remendo de luar e percebeu que ele iluminava como um holofote a entrada do caminho. - Um Mississippi, dois Mississippi. Meu Jesus Cristo! Aonde diabos eu devo ir? - Ela ofegou enquanto finalmente dirigiu-se pelo caminho e lançou um olhar para trás.

A visão que a saudou adicionou uma força extra ao seu passo. Ela saltou ao longo do caminho como um cervo, sua mente focalizada em tentar calcular quantos minutos haviam passado. Cinco? Dez?

Ouviu um uivo atrás dela. Seu cabelo arrepiou-se.

Passou direto pelo carvalho. Incapaz de parar rápido o suficiente, ela derrapou como um jogador de beisebol escorregando na base. Arranhando o chão, firmou os pés novamente e correu de volta para o carvalho, bufando para respirar enquanto procurava, tentando lembrar loucamente o que Nigel disse. A árvore. A bifurcação. Esquerda da árvore? Direita da maldita árvore?

Certo! Era isto, virar à direita. Entrou na divisão do caminho, correu uns metros e lembrou-se de que tinha tomado a direção contrária. Era a sua direita.

Virando-se de volta, ela ordenou-se através do caminho novamente, desta vez fora da bifurcação, como ele disse.

Vinte passos. Seus passos? Os passos dele?

Contou vinte passos largos e colocou-se de quatro, tateando o chão freneticamente. Os uivos tornavam-se mais altos e ela teve um mau pressentimento genuíno de que não eram cachorros.

Ela não sentia nada que parecesse madeira.

Teria ele ferrado com ela?

Ela ampliou a área de sua busca. De repente, quando retirou um punhado de folhas, sua mão passou junto a algo áspero, e definitivamente de madeira. Empurrando as folhas para o lado ela desesperadamente procurou, cegamente, por uma manivela, algo para

puxar. Encontrou as dobradiças e tateou o lado oposto até que achou o que estava procurando. Quase chorando de alívio, ela puxou.

A porta era pesada. Pareceu que havia rompido algo importante antes de conseguir erguê-la o suficiente para espremer-se para o lado de dentro. Ela gritou quando caiu, aterrissando em um enorme monte no fundo do buraco. – Droga!

Era tão profundamente escuro quanto um buraco negro—uma total e completa e ausência de luz que parecia sufocadamente densa.

Um terror totalmente novo a dominou. Cegamente, agitando os braços à sua frente, ela procurou por degraus, uma escada — tinha de haver algum modo de entrar na maldita coisa do que só desabando!

Ela achou a escada com o nariz. Não tinha absolutamente nenhuma idéia de como podia mover os braços à sua frente e ainda conseguir caminhar pelo lugar, mas conseguiu. Estava abalada por cerca de dois segundos, e então procurava por um corrimão e por apoios para os pés e escalava a escada de volta ao topo.

Ela já estava levantando a porta, tentando sair, quando ouviu os lobos. Parou, tentando escutar acima do seu coração, que estava golpeando em seus ouvidos como um tambor indígena.

Aquilo soava como lobos.

Decidiu que não queria descobrir.

Aliviando a porta, ela sentiu ao redor e finalmente achou o ferrolho que Nigel disse e o enfiou no lugar. Deslizou em um degrau quando começou a descer de volta e aterrissou em cima do monte de novo.

Ela ficou onde estava encolhida como uma bola, apertada e tentando não pensar no que poderia estar no buraco com ela.

Aquilo não era tão difícil quanto poderia ter sido.

Isolada como estava ainda podia ouvir o uivar e brigar dos lobos.

Eles tinham que estar perto.

Ela ouviu algo arranhar a porta e seu pêlo arrepiou-se novamente. Cobrindo a boca com a mão, olhou para cima, imaginando se existia alguma possibilidade de que eles realmente pudessem abrir aquela pesada porta de madeira.

Seguramente não? Se Deus quisesse, tudo que ela tinha que fazer era apenas ficar onde estava, esperar e eles iriam embora.

Eles não foram embora, contudo. Eles podiam cheirá-la. Começaram a arranhar a porta, agitando-a. Cher começou a roer as unhas, seus olhos colados ao ponto onde podia ouvir as crescentes batidas mais e mais altas, como se eles estivessem puxando a porta.

Ela saltou quando ouviu o repentino estalo da madeira. Abruptamente, a porta tinha sido aberta. Um quadrado de luz fosca apareceu acima dela, mas desapareceu quase imediatamente quando algo grande e escuro saltou pela porta.

Cher gritou, correndo precipitadamente para escapar mesmo quando um grande peso abateu-se sobre ela, dirigindo-a em direção ao chão. Ela lutou, chutando, mordendo, arranhando o homem que a agarrou, porque era um homem, não um lobo, e ela não estava menos apavorada.

Outra forma escura apareceu. Os dois começaram a puxá-la. Dentro de alguns momentos, ela foi arrastada pela escada e pela abertura. Gritou novamente quando viu que outros esperavam lá, na escuridão. Dúzias de mãos agarraram-na, arrastando-a por um caminho e então por outro.

Eles se atacavam, rangendo, mordendo, rasgando um ao outro com suas garras. Um conseguiu combater os outros e começou a arrastá-la em direção ao caminho. Bruscamente, outra forma escura lançou-se das árvores, aquele notavelmente maior que os outros. Em minutos, ele passou por três dos homens. Dois caíram ao chão e não voltaram a levantar. Um terceiro fugiu.

Ele observou o homem que fugiu por um momento e voltou-se, saltando em direção aos dois homens e à mulher que lutava alguns metros adiante. Golpeando ambos os homens até que desmaiassem, ele agarrou um em volta do pescoço e rasgou sua garganta. Quando derrotou seu oponente, olhou em volta mais uma vez, só para descobrir que o último homem deles agiu enquanto estava ocupado, agarrou a mulher e estava lutando para arrastá-la mais a fundo dentro da floresta, enquanto ela lutava e o arranhava.

Ele alcançou-os em quatro saltos, pousando justamente nas costas do homem. A mulher rolou livre e começou a arrastar-se para longe enquanto ele e seu inimigo se enfrentavam, atacando-se, rasgando a carne um do outro com seus dentes e garras. Ele demorou mais tempo em despachar o homem do que esperava.

Ergueu-se vacilante sobre os pés quando o matou, procurando por ela, farejando o ar pelo seu cheiro. Era difícil farejá-lo, contudo, quando os outros a tinham arrastado por toda a clareira.

- Cher?

Ele levantou sua cabeça, escutando.

- Nigel?

Quando ele virou em direção ao som de sua voz, ela lançou-se do bosque, chocando-se contra ele tão forte que ele deu um passo para trás. Seu aroma o engolfou imediatamente em uma névoa vermelha de luxúria. Ele embalou seus braços ao redor dela.

- Minha fera está no controle, chere. - ele murmurou de forma preventiva.

Em vez de afastar-se, ela o abraçou mais apertado, como se fosse entrar dentro dele.

Ela entrou dentro dele, penetrando em seus poros, provocando sua fera até que ele teve que lutar para mantê-la quieta.

Capítulo Quatro

Nigel rosnou ferozmente e a levou para o chão, levantando um punhado de folhas quando eles o atingiram. Ela ofegou surpresa, atordoada demais para lutar. Ele estava acima dela, sustentando-se.

Ele esmagou sua boca na dela, empurrando a língua dentro para esfregar contra a dela. A urgência em provar, dominar, era enorme. Ela ficou rígida de choque, e ele saboreou medo antes que um trêmulo desejo tomasse as rédeas.

Ele não tinha tempo para sutileza, e tinha muita certeza de que não queria ser pego ao ar livre antes de ter uma chance de marcá-la. Ela não estaria segura até que a marcasse.

A tensão palpitou em suas vísceras, apertando seu peito e virilha até que ele pensou que iria explodir. Separou sua boca da dela, arrastando os lábios e língua sobre sua mandíbula e por seu pescoço.

Ela tinha gosto de sal e de mulher, doce e suave ao toque. Ele não conseguiria experimentar o suficiente dela para satisfazer-se.

As mãos dela moveram-se pelos seus ombros, um tímido toque, que o fez cerrar os dentes para controlar-se. Ele não a conhecia, mas ela incitava uma poderosa resposta de sua parte que havia se pressionado a ignorar.

Ele arrastou a boca até seu peito, empurrando grosseiramente de lado a alça de seu vestido para obter um pequeno e firme seio. Seu mamilo estava duro antes que ele o alcançasse com os lábios para puxar o bico. Ela ofegou duramente, arqueando-se quando ele o tomou na boca e amamentou-se dela com uma fome devastadora. Ele moveu-se, arranhando-a com seus dentes, esfregando sua pele com o nariz como se pudesse inalá-la e aplacar a fera voraz de tomar o controle.

O desejo disparou selvagem do corpo dela, poderoso, fazendo a cabeça dele nadar pelo lânguido aroma de sua estimulação. A boca de Nigel encheu-se de água pelo desejo de saborear a nata de sua carne, para enterrar sua língua, fundo, em sua vagina até que matasse aquele insaciável desejo. Seu pênis agitou-se pedindo atenção, esticando-se contra suas calças. Com uma mão bruta, ele o liberou e enterrou-se entre suas coxas, quase gozando com a sensação molhada de sua irresistível fenda. Gemeu de frustração, estava tão próximo de seu objetivo, e ao mesmo tempo tão longe.

Mesmo através de sua calcinha, ele podia sentir sua úmida excitação, e o conhecimento de que ela estava tão excitada quanto ele enviou um espiral de desejo por seu corpo.

Ele deslizou os lábios sobre os dela novamente, beijando-a, deixando-a saber, como a queria desesperadamente.

Cher chupou sua língua, muito excitada para se importar onde estavam, o que havia acontecido … o que ele tinha feito. Ele a tinha salvado de Deus sabia o que, e ela estava tão condenadamente atraída por ele, se ele quisesse fodê-la, no meio da casa dos seus pais, ela ficaria tentada.

Arqueou-se quando ele se afundou contra seu montículo outra vez, aumentando a desesperada necessidade de senti-lo profundamente dentro dela. Com mãos nervosas, ela mergulhou-as entre seus corpos, tentando tirar a calcinha.

Interrompendo o contato com sua boca, ele ergueu seus quadris e ela empurrou a calcinha e desceu-a pelas pernas com sua ajuda. Em segundos, ele estava de volta em cima dela, embalando-se, como se não pudesse tolerar deixar de tocá-la por muito tempo.

Suas mãos vagaram pelo de seu corpo, beliscando seus mamilos, massageando seus seios antes de mover-se, amoroso, até sua calcinha. Ele não deu-lhe, a chance de tirá-la, mas como se percebendo que ainda havia um obstáculo à sua união, ele rasgou as frágeis laterais e a retirou.

Cher não se importou. Tudo que sabia era aquele se ele não aliviasse aquela dor incrível logo, ela o jogaria de costas e o montaria até que ele não pudesse mais se mexer.

Nigel a puxou de volta e levantou suas pernas, jogando seus tornozelos sobre os ombros. Suas panturrilhas pressionavam contra seu peito, doloridas ao pouco conhecido toque de músculos firmes e pêlos crespos. A posição deixou-a completamente vulnerável a ele, seus lábios tensos e expostos como em um sorriso apertado. Ele debruçou-se para frente, espremendo-a.

Uma ponta de carne fundida erguia-se de sua abertura exposta, fazendo sua barriga sacudir em resposta. Ela sentiu seus sucos acumularem, os sentiu escorrer sobre seu sexo e ânus. Nunca tinha ficado tão molhada em toda sua vida.

Seu membro acomodou-se na entrada de sua vagina, preparando-se para invadi-la. Ele estremeceu, como se tentando controlar-se, e então empurrou. Empurrou aquela coisa incrivelmente grossa dentro dela, ultrapassando as delicadas margens de sua vagina.

Cher silvou de dor e prazer, incapaz de acreditar em como ele era grande. Mal podia tomá-lo, e não podia deixar de apertar enquanto ele investia em sua entrada. Seus músculos espalmavam com seu avanço, tremendo com uma sensação não diferente de medo.

O desespero arranhou seus quadris. Ela plantou suas palmas no chão, dando a si mesma o impulso que precisava para se mover. Ela apertou suas pernas contra ele, os músculos protestando pela posição.

Ele gemeu e empurrou, então entrou bem fundo, e ela gritou. Ele afundou até a base, ainda retendo-se um momento dentro dela, permitindo que as chamas de sua passagem diminuíssem e o aceitassem. Sua nata pareceu ter evaporado, deixando-a despojada de umidade, e seu corpo agiu de maneira exagerada, forçando-a a jorrar quando ele retrocedia e empurrava dentro dela novamente.

- Você é minha agora. - ele rosnou suavemente, tão baixinho que ela quase não podia ouvi-lo acima do rugido do sangue martelando em seus ouvidos.

Como se possuído por alguma necessidade violenta, ele moveu-se, arremetendo para dentro e fora dela com um ritmo que fez seus músculos apertarem-se para resistir ao

êxtase que pairava muito próximo. Ela queria que a sensação durasse por horas, para sempre.

Cher arranhou o chão, lançando sua cabeça para os lados, choramingando de necessidade. O bombear de seu pênis deixou-a louca, um escorregadio aperto que lançou seus nervos a quilômetros fora de controle. Ela pôde sentir cada veia fluir sangue dentro e fora dela. Sua carne parecia devorá-lo a cada investida. Ela parecia não poder produzir umidade suficiente para evitar queimar-se viva.

Os quadris dele apoiaram-se contra a parte de trás de suas coxas, a fricção de seu pêlo fazendo-os vibrar com a sensação. Seus testículos batiam contra seu ânus. Os lábios de sua vagina pareciam inchar quando entrava em contato com eles, repetidamente, perfurando dentro do seu sexo mais rápido e mais forte, dando bombeadas mais curtas quando os tremores do orgasmo a assolaram.

Sua vagina agarrou-o com força como um punho, desesperadamente tentando escalar aquele cume que ficava na base de seu pênis. Ele curvou-se para frente ainda mais, apertando seus joelhos até que eles roçaram com força os dolorosos mamilos, esmagando seus seios entre seu corpo e o dele.

Cher fechou os olhos, saudando a tensão de seus nervos, os tremores da sensação que chamuscava em suas veias. Ela não podia alcançar completamente o orgasmo, e o sentimento, como de uma coceira intocada estava deixando-a louca.

Como se percebendo sua necessidade, ele diminuiu suas investidas, encerrando uma mão embaixo para massagear seu clitóris e despertá-lo. O toque foi como um ferro quente. O broto cresceu no mesmo instante, gritando vida. Latejava com a pressão de seus dedos.

Cher ofegou quando ele deu uma palmadinha em seu clítoris e o movimento de seus dedos fez o seu orgasmo explodir sobre ela. Ela gritou, estreitando-o e retesando-se como se estivesse morrendo. Ele removeu os dedos, bombeando nela com abandono uma vez mais, passeando pelo contrair e relaxar de seus músculos até atingir seu próprio orgasmo.

O corpo dela pareceu derreter em baixo dele, quebrado como vidro. Cada nervo queimava, latejando com uma pressão que ameaçava explodi-la. Ela ofegava, ansiando por respirar. Sua garganta doía, e ela não parecia conseguir respirar ar suficiente para satisfazer seus pulmões.

Seu sêmen irrompeu dentro de sua vagina estremecida, prolongando o orgasmo que tremia nela. O clímax era diferentemente de qualquer outro que ela já conhecera, tão poderoso, suprimiu todos os outros sentidos, deixando-a surda, muda, e cega. Seu corpo convulsionou em seu pênis quando ele moveu-se suave, absorvendo onda após onda de felicidade absoluta, até que estrelas faiscassem atrás de suas pálpebras e sua cabeça precipitou-se com uma sensação vertiginosa.

Ele ficou em cima dela, dentro dela, respirando ruidosamente, abraçando quieto, enquanto, o suor de seus corpos esfriavam pelo ar da noite e seus corações voltavam a um

ritmo normal. Finalmente, ele arrastou o comprimento flácido de seus músculos ávidos como o frágil som de uma sucção interrompida, e rolou de cima dela sobre o chão, parecendo tão exausto quanto ela.

Cher tomou ar, incrivelmente fraca. - Eu não posso acreditar no que acabamos de fazer. - sussurrou.

Ele apoiou-se em um cotovelo, olhando-a na escuridão. A luz do luar fez seus olhos parecerem, muito mais famintos, do que eles estavam antes.

Se ela estivesse normal e não tão saciada, talvez tivesse ficado preocupada.

Capítulo Cinco

Cher sentiu-se quase catatônica quando Nigel a ergueu em seus braços e a carregou pelo bosque. Não foi até que ele emergisse das árvores que ela percebeu que a estava levando de volta para a casa. Imediatamente o medo levantou seus alicerces e ela começou a lutar para ser colocada no chão.

- Está tudo bem, Cher. Ninguém nos desafiará. - Nigel ternamente disse, como se soubesse exatamente o que estava passando por sua cabeça.

Ela estremeceu. - Como pode estar certo?

- Porque eu a fiz minha. - disse simplesmente.

Cher encarou-o, sentindo uma estranha mistura de emoções por suas palavras. Ela era uma mulher moderna. Não devia sentir tal estranha centelha de excitação naquele tipo neandertal de dominação masculina, mas sentiu. Ao mesmo tempo, sentiu uma grande inquietude.

De alguma maneira, porém, ela não duvidava de sua avaliação da situação, e relaxou contra ele, contente, por apreciar ser carregada, emocionada por ele parecer fazer aquilo quase sem esforço.

À parte da sensação de segurança, ela sentiu-se amparada perto dele, não estava completamente certa de que poderia ter voltado para a casa submetida ao seu próprio cansaço. Estava toda dolorida e machucada devido a sua corrida pelo bosque, e por tentar lutar com aqueles maníacos loucos.

Eles devem ter usado algo, ela julgou, tremendo-se toda novamente.

Ele a surpreendeu quando subiram os degraus. Em vez de levá-la para o quarto onde havia aprisionado-a antes, ele continuou até um quarto no fim do corredor.

Ela soube no momento que entraram que ele a tinha levado para seu quarto.

E sem nenhum “Com sua permissão”.

Não que ela se importasse. Ela realmente não queria ficar sozinha depois do que tinha passado.

Em vez de levá-la para a cama, ele girou e direcionou-se à porta que ela sabia que devia levar ao banheiro. Se possível, era até mais luxuoso que o banheiro do quarto que ocupou.

Colocando-a de pé finalmente, ele ajustou a água e começou a tirar a roupa. Cher o observou, interessada, não obstante tudo que havia acontecido.

Seus olhos brilharam com um lânguido sorriso desenhando-se em seus lábios.

Quando ele terminou de despir-se, moveu-se até ela e começou a tirar sua roupa do mesmo modo, seu top de alças e sutiã. Todo o resto tinha ficado para trás. Puxando-a para o chuveiro, ele banhou sua dor com água quente e um pano ensaboado, incutindo uma dor de um tipo muito diferente.

Quase como se estivesse relutante em machucá-la, suas mãos moviam-se suavemente sobre sua pele. Estava toda dolorida, mas não contundida, e incrivelmente, seu sexo queimava para senti-lo dentro dele novamente, apesar da leve dor pulsando lá.

Tremendo com o vapor fazendo cócegas em sua pele, ela embalou seus braços ao redor dele e esfregou-se sensualmente contra seu corpo. Ele endureceu-se em surpresa por um breve momento, e então, suas mãos apertaram-se ao redor ela, indo diretamente para seu traseiro, apalpá-lo. Ele enroscou suas mãos em ambas as nádegas. Seu pênis endurecido, cavando sua barriga, deixando-a se sentindo tão delicada e feminina quanto antes.

Ela beijou seu ombro, mordiscando seu pescoço, apreciando a tensão de seus músculos conforme reagia ao seu toque. Ele gemeu severamente e ergueu-a, forçando-a através da corrente de água até a parede, quando a encurralou contra esta e a levantou até que seu pênis encontrasse a abertura de seu corpo.

Ele sondou sua abertura enquanto ela chupava a extremidade de sua mandíbula, suas mãos agarrando seus ombros com desespero. Mexendo-se até estar posicionado em seu centro, ele impulsionou através da gotejante umidade de seu corpo bem em seu interior, empalando-a com seu membro.

Cher clamou, arqueando a cabeça para trás. Ela cavou as unhas em seus ombros, mordendo o lábio pela violenta mistura de dor e prazer.

Ele cerrou os dentes e enterrou o rosto em suas têmporas, os dedos cavando suas nádegas enquanto a puxava mais apertado, balançando os quadris até que pudesse bombear rápido e forte dentro dela.

As costas de Cher passeavam contra a parede ladrilhada, seus seios esfregando-se sensualmente contra o peito dele, seu clitóris massageado pelo seu púbis enquanto ele afundava-se nela.

O cio deles foi forte e rápido, mas incrivelmente sensual. Sua vagina agarrou-o com força, seu orgasmo prévio fazendo-a gozar bem mais rápido desta vez, e dentro de minutos, eles estavam ambos gritando ao chegar ao clímax.

Ela pensou que havia terminado com ela, em vez disso, retirou-se, lavou seu sêmen de seu corpo, e a carregou do banheiro para o quarto, onde a enxugou antes de enxugar a si mesmo.

Quase assim que acabou, ele estava em cima dela novamente, embalando-a em seus braços, beijando-a com um fervor e a deixou quase assombrada por nota-lo dentro dela novamente. Não podia acreditar em como ele era faminto, nem em como sua própria fome combinava com a dele.

Ela chupou sua língua, beijando-o como se estivesse morrendo de sede, e ficou surpresa quando ele interrompeu o contato para derrubá-los sobre a cama.

- Eu desejei saboreá-la no momento em que pus os olhos em você, chere. - disse em um rouco murmúrio, seus olhos devorando-a como suas palavras implicavam.

Agradáveis tremores fluíram pelo seu corpo, fazendo sua vagina molhar-se com renovada necessidade.

- Então o que você está esperando? - Ela disse de maneira zombadora, deitando-se em cima dos cotovelos. Algo nele a tornava incrivelmente ousada, como se estivesse, alimentado-se dele e absorvido um pouco de sua essência dentro dela.

Com olhos intensos, ele segurou seu olhar quando se moveu e se estabeleceu entre suas coxas, empurrando-as bem abertas para os lados. Cobriu seu monte com a mão, mergulhando os dedos dentro de seu sexo e retirando-os. Ela podia ver sua lubrificação espumosa brilhando em seus dedos quando ele os trouxe aos lábios e a saboreou. Seus olhos obscurecidos antes de fechá-los e gemer suavemente, como se tivesse acabado de saborear um manjar dos deuses.

Ele tirou-os da boca e olhou para ela. A fome estava lá novamente, tão obscuramente sensual que despertou sua necessidade por gozos ardentes.

- Eu nunca experimentei nada tão bom, em minha vida, Cher. Eu podia devorá-la e nunca aplacaria esta fome.

- Oh Deus, Nigel, eu quero que você me devore. Por favor! - Ela desesperadamente disse, tremendo numa necessidade frenética enquanto ele continuou a olhá-la fixamente, atormentando-a com a sua proximidade. Ela não deveria sentir-se assim, não depois de ter tanto prazer, mas se sentia. - Coma-me até que este fogo apague. Eu estou em chamas.

- Como desejar. - ele disse roucamente.

Um calor cru queimou seus quadris. Sua respiração acelerou quando ele plantou as mãos em suas coxas e as separou mais à medida que abaixava a cabeça. Ela quase gritou quando seus dedos separaram seus grandes lábios e seu hálito quente soprou sobre sua carne úmida, da mesma maneira que sua língua golpeou uma trilha aquecida em cima de sua abertura. Seu clitóris pulsou com a aproximação dele, mendigando enquanto ele grunhia de prazer que vibrava pela sua umidade.

- Por favor, por favor, lamba. Chupe meu clitóris. Eu não posso suportar mais. - ela disse em um rouco arfar, sua garganta doendo com a necessidade. - Lamba-me. Coma-me. - ela implorou.

Os músculos de suas coxas sacudiram em resposta quando ele moveu para cima. Ela choramingou, sufocando um grito quando seus lábios finalmente se fecharam sobre seu clitóris.

Ela gritou então, seus quadris empurrando para acima, esfregando contra sua boca aberta. Ele ainda a segurava, forçando-a a aceitar sua lenta, sensual invasão. Ele puxou o inchado broto, golpeando-o com sua língua em um vacilante e irregular movimento que fez sua vagina dar espasmos com o orgasmo próximo. Seu clitóris palpitou contra sua língua, seu sexo fervilhando com sua pulsação rápida e a batida do desejo.

Ele torturou o broto, brincando com ele, sua língua áspera, torcendo, choramingando gritos de sua garganta. Ele moveu uma mão para mergulhar dois dedos nela, deixando seu corpo dentro do despertar, que aconteceu quando a conclusão aproximou-se.

Seus músculos apertaram com força suas investidas, enrolando os dedos, apertando. Um raio pareceu chiar junto dos seus terminais nervosos enquanto seu dedo a masturbava, conduzindo-a em direção ao orgasmo.

Saltou à vida, viajando pelo seu organismo em uma torrente de emoção. Ela ofegou, seus músculos retesados, seus dedos enterrando-se no colchão como garras enquanto ele continuava a lamber seu clitóris e a introduzir e retirar os dedos.

O prazer formou um espiral fora de controle, tirando-a de si, envolvendo toda consciência até que ela estivesse em harmonia e antecipando cada lambida, cada chupada e investida. Ela passeou pelo clímax, tremendo, e ele ainda continuava empurrando em sua passagem uma vez e outra, mais intensamente. Tão intensamente que ela apagou como se o orgasmo explodisse seu corpo. E finalmente, com sua sede saciada, ele parou e pôs-se ao seu lado, puxando-a contra o peito para acariciar suas costas enquanto ela se dirigia do clímax para o esquecimento.

Morna, relaxada e mais completamente satisfeita do que podia recordar ter estado em sua vida, Cher deitou-se contra ele fracamente, quase cochilando.

Nigel rolou, sustentando a cabeça na mão enquanto a estudava. – Você não tem nenhuma noção, do que se trata tudo isso, não é, chere?

Cher despertou o suficiente para erguer suas pálpebras. - Você está malditamente certo, eu não tenho idéia. O sexo eu entendo. Mas o que foi aquele pequeno ritual no pátio? E o que nesse mundo é um *Lycan*?

- Povo lobo.

Cher estava totalmente acordada agora. – Povo lobo? - franziu o cenho. - Você nos chamou de lobas. - ela de repente lembrou.

- As outras eram.

- Eram o que?

- Lobas, Lycan, como eu sou. Como todo mundo que você viu quando veio. Você tropeçou em nossos ritos de emparelhamento, chere.

Cher sentou-se. - Espere um minuto. Eu vi a expressão em seus rostos. Elas pareciam tão assustadas quanto eu. Agora você está tentando me dizer que elas sabiam?

Ele encolheu os ombros. - Algumas delas provavelmente não sabiam nem que eram *Lycan,* mas não, elas não sabiam da caça. Eu as encontrei, trouxe-as aqui, e os machos competem por parceiras.

Havia toda aquela arrogância masculina agressiva novamente. Ela olhou furiosamente para ele. - O que, exatamente, é o povo lobo?

Seus olhos estreitaram-se, brilhando predadoramente. – Lobisomens.

- Você acha que é um lobisomem? Ela perguntou desconfortavelmente.

Ele estudou-a por um longo momento. - Você acha que aqueles homens lá fora eram meros mortais?

Ela estremeceu. - Eles estavam envolvidos em alguma coisa, com certeza.

- Quando a lua está cheia, a fera nos encontra, se nos transformamos ou não, a besta fica dificilmente sobre nosso controle, e às vezes não fica de maneira alguma.

Ela o avaliou de forma cética. - Então…. Você está dizendo que eu sou uma loba agora? Um lobisomem?

Ele balançou a cabeça. - Você é humana. É por isso que eu tentei mandá-la embora. É por isso que eu tentei protegê-la. Eu sabia que suas chances de sobreviver não eram nada boas se qualquer um perdesse o controle de suas feras e a mordesse. As fêmeas - fêmeas humanas, raramente sobrevivem à transformação, motivo pelo qual as fêmeas são tão procuradas. É por isso que temos as caçadas.

Cher franziu o cenho. – Ok, assim sejamos honestos sobre isso. Eu não sou uma loba, mas você é um lobisomem, então nós não estamos emparelhados.

- Quase correto - ele murmurou. - Eu sou *Lycan*. Você é humana. Mas nós estamos quase definitivamente e perfeitamente emparelhados.

Fim

